

Ah, se eu pudesse voltar no Tempo!

Relatos de ex-toxicômanos com explicações do Espírito
Antônio Carlos

Psicografado pela médium
Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho



**Rua Atuaí, 389 – Vila Esperança/Penha
CEP 03646-000 – São Paulo – SP
Fone: (0xx11) 2684-6000**

www.petit.com.br | petit@petit.com.br

1

O recuperado

Zezinho



Peguei o envelope que continha os resultados dos meus exames. Embora não tendo certeza, sabia o que estava escrito. Não abri, esperei o doutor Miguel chegar ao hospital para entregar a ele.

Havia feito muitos exames, e todos ali mesmo no hospital em que trabalhava. Quando comecei a ter má digestão, dores no abdome e mal-estares, marquei uma consulta com um clínico geral, que, após examinar-me, recomendou que fosse consultar o doutor Miguel, um oncologista.

– Não se preocupe, Zezinho, o doutor Miguel não trata somente de câncer, ele é um ótimo gastro – o médico tentou me tranquilizar.

Tentei ficar tranquilo e pensei:

“Todos nós vamos morrer e tem de haver um motivo”.

E os dias passaram lentos. A expectativa de estar com uma doença grave me fez ser mais dedicado e atencioso com os doentes. A sensação que senti foi estranha e confusa. Todos nós sabemos que vamos morrer, desencarnar, mas quando nos vemos diante de fato perigoso, uma doença que nós dá a certeza dessa mudança, sentimos medo, agonia. A incerteza do que encontraremos do outro lado da vida nos faz ficar carentes, inseguros, e aí percebemos que de fato necessitamos de ajuda e do próximo.

Ah, se eu pudesse voltar no Tempo!

Sentado à frente da escrivaninha do doutor Miguel, esperei que ele abrisse o envelope e lesse com atenção seu conteúdo. Atencioso, como sempre, ele falou com voz agradável:

- Zezinho, como temíamos, os exames deram positivo.
- Estou com câncer? No fígado? – perguntei com voz baixa.
- Os tumores já se alastraram e....
- O que o senhor sugere? – indaguei-lhe.

– Não creio que uma cirurgia resolva. Mas se você quiser tentar... O melhor é fazermos a quimioterapia. Quer ser afastado do trabalho?

- Não, por favor, deixe-me trabalhar enquanto aguentar – pedi.

Marcamos as sessões de quimioterapia. Despedi-me do doutor Miguel e voltei ao trabalho. Esforcei-me para não pensar na doença. Todas as vezes que me vinha à mente o resultado dos exames, voltava toda minha atenção ao que estava fazendo e tentava animar os enfermos:

- Logo o senhor estará melhor!
- Irá com certeza dormir tranquilo!

Meus companheiros de trabalho quiseram saber do resultado.

- Estou com câncer – respondia.

Recebi muitos consolos, ofertas de auxílio, isso me fez bem.

Quando terminei meu turno, fui para casa e sentei na minha poltrona. Olhei para meu lar, era um local pequeno, um apartamento de sala, quarto, cozinha e banheiro. Morava sozinho havia 13 anos. Tudo era simples, mas eu gostava dali e de todos os objetos. Passei a mão pelos cabelos, tinha-os fartos e um bigode.

- Logo terei de raspá-los! – exclamei e assustei-me com minha voz.

Parecia que o que estava acontecendo não era comigo. Mas o incômodo que sentia era um alerta de que não estava bem.

Levantei-me e fiz as tarefas costumeiras. Depois voltei a sentar e fiquei a pensar:

“Abusei muito da vestimenta física. Fui um usuário de drogas!”, veio à mente a lembrança.

Minha família era estruturada, tinha pais amorosos, um irmão e uma irmã. Não éramos perfeitos. Quem ou que é perfeito? Nada! Era o segundo filho, frequentei a escola e, após o término da oitava série, meu pai quis que eu fosse estudar à noite e trabalhar durante o dia, como meu irmão. Não queria, mas obedeci. Arrumei emprego de entregador numa grande loja. Conheci outras pessoas tanto no trabalho como na escola e fiz amizade com uns rapazes que não procediam direito. Eles fumavam e logo eu estava fumando também, escondido dos meus pais; bebiam e eu os acompanhava. Passamos a faltar às aulas. Um dia, um do grupo trouxe algo diferente para experimentarmos. Maconha. Gostamos. Infelizmente, a droga, principalmente no começo, dá prazer. Prazer esse que pode fascinar, iludir e, pior, viciar. Fui tremendamente imprudente (queria mesmo escrever bobo, tolo), expressão que se usa para dizer que se está fazendo algo que não deveria. Éramos cinco amigos; dois não quiseram mais participar, afastaram-se e ficamos os três inseparáveis e cada vez querendo fumar mais. Ficava com o dinheiro do meu salário e gastava-o todo com cigarros de maconha. Um dia, um deles trouxe cocaína. Cheiramos, gostamos e nos viciamos. Não conseguíamos mais aprender e resolvemos sair da escola, pois os professores estavam desconfiados. E à noite, no horário das aulas, ficávamos fumando ou cheirando num barzinho perto da escola. O dinheiro estava escasso, pedi a meus pais inventando que tinha de comprar livros. Mas não foi suficiente. Então um dos meus colegas perguntou:

– Por que você não pega os objetos que entrega, Zezinho? Faça de um modo que ninguém desconfie. Finja que vai levar à casa do cliente e entregue-os a mim; levo ao traficante e ele nos dará a droga – falou um dos meus amigos.

Ah, se eu pudesse voltar no Tempo!

Ficamos contentes com a possibilidade de conseguir mais drogas.

Passado algum tempo, estava desatento no trabalho, havia sido advertido. Peguei alguns objetos no depósito como também deixei de entregar uma compra. Com a reclamação do cliente que a mercadoria não fora entregue, fui investigado e logo descobriram que eu estava roubando. Não cheguei a fazer muitos roubos. O gerente me chamou e me deixou sentado em sua sala e logo meus pais entraram.

– Senhor – disse o gerente –, seu filho José Itamar está nos roubando. Foram muitas as mercadorias que ele estava encarregado de entregar e não o fez, como também outras que sumiram do depósito. Não queria chamar a polícia, não queremos escândalos.

Minha mãe começou a chorar, meu pai empalideceu. Olharam-me, abaixei a cabeça, não aguentei vê-los abatidos, tristes e envergonhados.

– Por quê, meu filho? – perguntou meu pai.

Como não respondi, o gerente os informou:

– José Itamar tem sido visto com dois rapazes que se drogam. Ficamos sabendo que ele não está mais frequentando a escola e que entregou as mercadorias que nos furtou a traficantes.

Meu pai sentou, sentiu-se mal. O gerente deu-lhe água. Fiquei quieto e senti uma vontade imensa de me drogar.

Papai pagou as mercadorias, eu assinei minha demissão. Meus pais agradeceram ao gerente por não me mandar para a cadeia e saímos.

Fomos para casa sem conversar. Ao chegarmos, mamãe quis saber:

– É verdade, meu filho? Tudo o que escutamos do gerente é verdadeiro?

Não respondi. Meu pai tirou a cinta da calça e me bateu. Estava com tanta vontade de me drogar que nem senti a surra, que me deixou

com vergões. Trancaram-me no quarto. Escutei mamãe chorando e contando para os meus irmãos, que ficaram indignados.

– Por quê? Por quê? – indagaram.

Eu não tinha motivos nem respostas para dar. Estava com vontade de me drogar, pulei a janela e fugi, mas antes peguei o dinheiro que meu irmão guardava no fundo de uma gaveta. Eram suas economias.

Saí e fui atrás dos meus amigos, contei-lhes o que havia acontecido e fomos comprar drogas. À noite, eles foram para suas casas; eu não quis voltar para a minha e fui para uma construção abandonada. Dormi lá, no chão. No outro dia, um deles me trouxe pão, foi só o que comi. Ansiava pela droga para esquecer as expressões de tristeza de meus pais e para não escutar o choro de minha mãe, que ecoava na minha mente.

Drogava-me mais que meus dois amigos e estava ficando muito confuso. Para obter dinheiro, entrei numa residência e roubei. Levei os objetos roubados aos traficantes e adquiri cocaína. Cinco dias depois que fugi, meus pais souberam onde eu estava e foram me buscar. Ficaram horrorizados ao me ver. Estava sujo, fedendo, magro e demente. Levaram-me para casa, meu pai me ajudou a tomar banho, minha mãe fez a sopa de que eu gostava. Meus irmãos chegaram e me trataram bem, com carinho. Meu irmão não comentou sobre o dinheiro que lhe roubei.

No outro dia, levaram-me ao médico, que me receitou remédios. Mamãe me vigiava, não vi mais meus amigos, os pais deles também descobriram e eles estavam sendo vigiados.

Não aguentava de vontade de me drogar. Era um escravo, um ser que não conseguia dizer “não” ao vício. Que situação triste! Deprimente!

Para adquirir drogas, necessitava de dinheiro e roubei em casa, primeiro dinheiro, depois objetos.

Ah, se eu pudesse voltar no Tempo!

– Vocês não me querem aqui? Não foram me buscar? Agora aguentem! – gritava.

Foi um período muito difícil para os meus familiares. Roubava-os, eram roupas, eletrodomésticos, tudo passou a ser trocado. Às vezes, saía de casa, mas como acabava indo para a construção abandonada, minha mãe ia me buscar. Quando mamãe via que eu estava melhor, conversava comigo.

– Zezinho, você não só está se matando, mas também a nós!

Eu sentia remorso, chorava, mas fraco voltava a me drogar.

Um dia, peguei os livros de estudo de minha irmã para vender. Mamãe viu, tentou me impedir, empurrei-a e saí. Voltei de madrugada. No outro dia, vi-a com o braço engessado.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Mamãe caiu e quebrou o braço – respondeu minha irmã.

– Escorreguei no tapete e caí – explicou mamãe me olhando.

Seu olhar me constrangeu. Lembrei que a tinha empurrado. Ela não falou a verdade, talvez porque seria a gota-d'água para meu pai e irmãos. Seu olhar de ternura me entristeceu, senti um aperto no peito.

– Preciso de ajuda! Vou parar de me drogar! Preciso! Por favor, me ajudem! Quero! – exclamei chorando.

Todos me abraçaram, prometeram apoio.

– Cadê meus livros, Zezinho, você os roubou? – gritou minha irmã ao ir para a escola.

– Sim, peguei, desculpe-me! – respondi.

– É fácil, não é, Zezinho? – falou minha irmã, exaltada. – Você pega nossas coisas, vende e simplesmente diz: “desculpa!” Somente dois livros eram meus, três peguei emprestado na biblioteca. Terei de pagar por eles! Não temos dinheiro! Você é um horror! Ou para mesmo ou some!

Ela chorava nervosa. Papai e mamãe a consolavam. Fiquei quieto vendo aquela cena triste. Ou resolvia parar ou então sumia de vez de casa.

– Não suma, meu filho! Cure-se, por favor! – pediu mamãe me olhando.

Mamãe desmaiou, foi uma correria, o vizinho que tinha carro a levou para o hospital. Ficou internada, seu estado era grave. Por três dias permaneceu no hospital e eu não me droguei. Não queria perdê-la e sofri com o remorso. E todos os familiares me acusavam com olhares, embora ninguém me dissesse nada.

Minha mãezinha desencarnou. Minha irmã me deu a notícia, viera do hospital com papai.

– Deve estar satisfeito não é, Zezinho? Mamãe morreu! Diagnóstico: infarto. Provocado por que ou por quem? Você! Sim, a resposta é: você! Ela sentiu muitas dores quando caiu aqui sozinha. Nos últimos tempos, viveu sob pressão e por sua causa. Estava sempre chorando e esperando apreensiva o que você iria fazer: se roubaria, se iria preso ou se o buscaria morto. Não se alimentava direito, não dormia, estava sempre preocupada. Você a matou! Conversei com papai e decidimos: você vai embora! Se quiser, vá ao velório, então volte, pegue suas coisas e saia de casa para não voltar mais. Entendeu?

Concordei com um gesto de cabeça e olhei para papai, que desviou o olhar. Meu pai envelhecera, estava arcado, triste, com certeza eu também estava acabando com ele.

Fiz o que minha irmã disse; fui ao velório. Chorei ao ver minha mãezinha no caixão. Um tio meu, irmão de mamãe, me falou com rancor:

– Você a matou! Não chore agora!

Achei que eles estavam certos. Não a matei ferindo fisicamente, mas também se mata uma pessoa de preocupações e desgosto.

Ah, se eu pudesse voltar no Tempo!

Mamãe me amava e se preocupava comigo e eu somente a fiz sofrer. Senti-me indigno de ficar ali e de lhe pedir perdão. Resolvi sair.

Minha irmã havia me tirado a chave de casa. Falei a ela que queria ir embora, ela me acompanhou. Não conversamos, ela ficou me olhando pegar algumas roupas, todas limpas e passadas, cuidados de mamãe que nunca mais iria receber. Não nos despedimos; saímos e escutei minha irmã fechar a porta. Andei sem saber aonde ir. Embora com vontade de me drogar, resolvi não mais fazê-lo. Lembrei que um de meus amigos estava internado numa clínica e fui para lá. Peguei o ônibus e parei em frente de um grande prédio. Bati, fui atendido e convidado a entrar. Roguei chorando:

– Por favor, me ajudem! Sou um viciado! Quero parar de me drogar!

Chorei tanto que soluçava. Um médico me atendeu, me medicou e dormi. Esse sono foi um alívio muito grande. Deixaram-me ficar ali. Tive crises de abstinência, que são terríveis, doloridas. Às vezes, achava que ia estourar, partir ao meio e morrer. Embora sofrendo, queria me desintoxicar, ficar livre daquele maldito vício.

– É pela senhora, mamãe! – exclamava.

Dias depois, melhorei, encontrei-me com meu amigo que também queria se curar. Para não preocupar mais meu pai, escrevi uma carta a ele dizendo onde estava. Uma semana depois, recebi a resposta, uma carta de minha irmã comunicando que papai havia falecido. Fora atropelado quando vinha do cemitério, pois estava indo lá todos os dias. Distraído, não vira o ônibus, faleceu instantaneamente.

Gritei, tive uma crise terrível, me sedaram. Se não estivesse na clínica, iria com certeza me drogar.

Fiquei internado e, para custear um pouco as despesas, pois não estava pagando, trabalhava pesado, ajudando na cozinha e na limpeza.

Meses depois, recebi alta, saí do hospital e fui para casa. A vizinha me informou que meus irmãos voltariam somente à tarde. Sentei na calçada e esperei. Meus irmãos, que chegaram conversando, calaram-se ao me ver.

– Entre, Zezinho, não quero conversar com você aqui fora – disse minha irmã.

Entramos, eu ia pedir para tomar água quando meu irmão falou:

– Zezinho, não o queremos aqui!

– E nem nós vamos ficar nesta casa – explicou minha irmã. – Papai perdeu-a. Ele fez um empréstimo no banco, não pagou e a casa penhorada ficou para eles. Este lar, que já foi nosso, agora é do banco. Temos de nos mudar. Vou morar por uns tempos com minha madrinha, Jorge irá morar com uns amigos. Vamos trabalhar e estudar.

– Você, Zezinho, nos prejudicou muito – expressou meu irmão tristemente. – Estávamos estabelecidos, tínhamos esta casa, papai e mamãe. Você fez gastos excessivos. Para não deixar que fosse preso, papai pagou a loja em que você trabalhava, e que roubou, com empréstimos bancários a juros altos. Depois, você nos roubava, nossos pais até chegaram a comprar outros objetos. Mamãe quebrou o braço, necessitou de remédios caros. E não deu para pagar nenhuma prestação. Resultado: nem casa temos mais.

– Você nos arruinou, Zezinho – disse minha irmã. – Ninguém o quer por perto. Você é culpado de tudo de ruim que nos aconteceu. Sou órfã graças a você! Não tenho onde morar! Vou viver de favor até que possa me sustentar.

– Eu não queria! – foi só o que consegui dizer.

– É fácil dizer “Eu não queria!” – exclamou minha irmã com raiva. – Por que não pensou nisso antes? Vá embora! Não me procure! A madrinha já me avisou que não o quer na casa dela nem como visita.

– Nem eu – disse Jorge. – Sofremos muito, não quero que me atrapalhe mais.

Saí sem me despedir. Senti vontade de me drogar para esquecer o que escutei dos meus irmãos e para suavizar, por momentos, a dor do remorso que estava sentindo. Tudo o que eles falaram era verdade. Eu era culpado de eles estarem sofrendo. Entendia-os. Resisti. Fui para um abrigo, um albergue onde passei a noite e, pela manhã, disse à senhora que me serviu o café que necessitava de um emprego. Ela me orientou para ir ao pátio da Prefeitura, que lá estavam contratando homens para trabalhar em construções. Fui esperançoso e me admitiram, passei a trabalhar na construção de um grande prédio. Fiquei no alojamento. Trabalhava muito, fazia horas extras, passei a me alimentar melhor e comprei roupas.

O senhor encarregado do meu setor me admirava porque eu conversava pouco e trabalhava muito. Por saber que não tinha família, convidou-me para almoçar num domingo na casa dele. Fui, sentia falta de amigos. Conheci Sara, a filha dele, e ficamos amigos.

Soube dos meus dois colegas, os que se drogavam junto comigo. O que estivera na clínica comigo, quando saiu, mudou-se com a família. Nunca mais tive notícias dele. O outro desencarnou enquanto estávamos internados. Seus pais achavam que ele tinha se suicidado. Falavam que faleceu por *overdose*, mas, como soube depois que desencarnei, ele foi assassinado por traficantes e sofreu muito com a morte do seu corpo físico.

Sara não era bonita nem simpática, talvez por isso não arrumava namorado. Ambos estávamos carentes e passamos a namorar. Os pais dela, querendo que ela casasse, nos incentivaram e ajudaram. Deram-nos uma casa para morar. Casamos. No começo, até que deu certo, tivemos duas filhas. Sara era chata, exigente e nervosa. Eu fazia tudo que ela queria. Minhas filhas eram bonitas, educadas e inteligentes. Fui promovido a fiscal de obras, tinha um bom ordenado e trabalhava muito. Anos se passaram, minhas filhas já eram

pré-adolescentes, quando descobri que um grupo de operários estava se drogando. Fui conversar com eles.

– Não se preocupe, senhor Zezinho, estamos fazendo uso de drogas, mas ela não nos atrapalha. Drogamo-nos ao ir embora. É somente um cigarrinho de maconha – informou um deles.

– Não quer experimentar? – ofereceu um deles. – Verá que não faz mal.

Agradei e afastei-me. Resolvi pensar no que fazer; se delataria o grupo ou não ao meu patrão. Decidi conversar com eles novamente e, na terceira conversa, acabei aceitando um cigarro de maconha. Logo quis outro, que comprei. Por dias seguidos, fumei com eles quando terminava o turno. Meus problemas pareciam mais leves, suportava as implicações de Sara. Da maconha, passei à cocaína e começou tudo de novo. Logo estava me drogando várias vezes por dia. E os problemas começaram: mentia para ter dinheiro; a Sara eu falava que não recebera meu ordenado ou que emprestara dinheiro a amigos; ao meu patrão, que necessitava de extra. Começaram as dificuldades no serviço, passei a trabalhar menos. Fiz dívidas, e os traficantes foram à obra me cobrar e me ameaçaram. Meu patrão foi informado e fui despedido. Ao chegar em casa, Sara já sabia, meu sogro fora informado e lhe contara. Minha esposa mandou nossas filhas para a casa de meus sogros. Nervosa, ela me xingou, me ofendeu e me mandou embora de casa.

– Suma daqui! – gritou Sara. – Não quero traficantes nos cobrando e ameaçando, podendo até nos matar! Você não merece que morramos por sua causa! Nossas filhas têm vergonha do pai que têm! Você é um horror! Saia!

Sem responder, saí com a sacola de roupas que ela me deu. As palavras ditas por Sara ecoavam em minha mente, afastei-me o máximo possível de onde morava e do local em que trabalhava. Fui para o centro da cidade. Cansado de tanto andar, sentei num banco de uma pequena praça e chorei.

Ah, se eu pudesse voltar no Tempo!

“Por quê? Por que fui me envolver de novo com drogas?”, lamentava-me, baixinho.

Eu não sabia responder, não tinha justificativa nem desculpas.

Um grupo de senhores e senhoras passava por ali, dando pão e leite aos moradores de rua que estavam pela praça. Ofereceram-me. Neguei com um movimento de cabeça, e um deles, um senhor, sentou-se ao meu lado e perguntou:

– O senhor precisa de alguma coisa?

– Não preciso de pão e leite – respondi chorando. – Necessito de auxílio para não me drogar mais, senão morro ou mato!

Ele levantou-se e foi conversar com as pessoas de seu grupo, que vieram falar comigo. Não consegui entender o que falavam, estava confuso e tendo uma crise de abstinência. Uma ambulância me levou a um sanatório. Novamente, recebi muita ajuda. Era um hospital espírita. Lá recebi tratamento, orientação e carinho. Comecei a me interessar pela Doutrina Espírita, a ler livros espíritas, a frequentar o salão onde havia palestras e recebia passes. Nunca até então tinha me interessado por uma religião. Meus pais diziam ter uma, mas não frequentavam nenhuma igreja, e minha esposa também não era religiosa. Passei a perceber o mundo de modo diferente, a ver os problemas de outra forma, a compreender o que é Deus. Novamente com medo de sair do hospital e voltar a me drogar, passei a trabalhar na limpeza. Desintoxicado, um médico me informou:

– Zezinho, agora cabe somente a você decidir o que quer fazer de sua vida. Não volte ao vício! Lembre-se, não comece! Não fume, não beba! Diga não! Ame-se! Você deve sair daqui, e já arrumamos um emprego para você em outro hospital, como servente. Vá, trabalhe com dedicação, e boa sorte!

Arrumei um local para morar perto do hospital e passei a trabalhar. Fui rever minha família. Sara me recebeu com agressividade.

– Por que voltou, Zezinho? Espero que não seja para nos atormentar. Casei de novo! Ele é um bom homem, não bebe nem fuma. Deixe-nos em paz!

Minhas filhas me receberam tímidas, simplesmente se deixaram abraçar.

– Acho que é melhor afastar-se de nós, papai! – sugeriu minha filha mais velha. – Quando o senhor foi embora, mamãe passou a frequentar uma igreja aqui perto e lá conheceu o senhor Antônio, namoraram e ele veio morar conosco. É boa pessoa, estamos indo todos à igreja.

– Por que o senhor fez isso, papai? – perguntou minha filha caçula. – Vovô teve de pagar suas dívidas. Ficamos com medo dos traficantes.

– Não sei explicar o porquê de ter agido daquele modo. Agora estou curado e trabalho num hospital – respondi.

– Bom para o senhor. Mas é melhor não voltar mais aqui – falou minha menina mais velha.

Fui embora muito triste e magoado. Sara arrumara outro marido depressa demais, somente oito meses tinham se passado desde que eu saíra de casa. Minhas filhas não me queriam por perto. Compreendi. Meu sogro certamente se sacrificara para pagar os traficantes, fez isso para que Sara e minhas filhas tivessem sossego. Temendo que eu aprontasse mais, não me queriam por perto.

Trabalhei muito, fiz muitas horas extras e paguei o que devia ao meu sogro. Passei a mandar dinheiro a minhas filhas. Pegava para mim o mínimo possível do meu salário. Procurei um centro espírita próximo do local em que morava e passei a frequentá-lo. E foi por entender os ensinamentos de Jesus que resolvi pedir perdão a todos os que prejudicara. Comecei pelos meus pais; orando, pedi a Jesus que permitisse que eles, onde estivessem, escutassem meu pedido de perdão. Senti-me perdoado.

Ah, se eu pudesse voltar no Tempo!

Fui visitar minha irmã, que ficara viúva pouco tempo antes.

– Minha irmã, me perdoa! – roguei.

– Zezinho, você me fez sofrer muito – respondeu. Guardei muita mágoa de você durante muitos anos. A cada dificuldade que passava, o rancor voltava. Agora passou e posso dizer com sinceridade que lhe perdoo.

– Conte para mim o que lhe aconteceu – pedi.

– Eu tinha vergonha de ter um irmão drogado. Eram comentários na escola, mães de amigas que não me queriam por perto e que não deixavam os filhos irem em casa. Fui privada de presentes, roupas e calçados. Você me roubou objetos de que eu gostava. Vi nossos pais sofrerem e se endividarem. Depois do tombo que levou, mamãe não se sentiu mais bem. As tristezas e as preocupações agravaram seu estado de saúde e ela morreu. Senti muito, sofri bastante! Achei que nós três, sem você por perto, fôssemos conseguir pagar as dívidas. Papai estava muito triste, chorava muito e ia quase todos os dias ao cemitério. Acho que, distraído, atravessou a rua e foi atropelado. Jorge e eu não conseguimos pagar as dívidas, o banco tomou a casa, vendemos os móveis. Fui morar com minha madrinha e foi muito ruim. Ela me maltratava muito, eu tinha de fazer todo o serviço da casa, passei fome e muitas humilhações. Não podia sair, parei de estudar. Ela me arrumou um pretendente, um homem mais velho, achei que era uma boa pessoa e casei. Novamente fui muito maltratada e escutava sempre dele que tinha um irmão viciado e precisava me cuidar para não me viciar também e que, por ter me dado um lar, tinha de lhe ser grata. O bom foi que tive meus três filhos, eu os amo. Meu marido ficou doente, cuidei dele. E agora, viúva, voltei a estudar, tenho viajado e tenho sossego. Ele me deixou bem financeiramente.

– Perdoe-me! – pedi novamente e chorei.

Entendi que tudo poderia ter sido diferente. Se não tivesse feito o que fiz, nossos pais não teriam se endividado, eles não teriam

perdido a casa e talvez não tivessem desencarnado naquela época. Não tive coragem de contar a minha irmã que fora eu que empurrara mamãe.

Jorge, meu irmão, me recebeu com um abraço e respondeu ao meu pedido de perdão.

– Zezinho, já tive até vontade de matá-lo! Não o fiz porque não tive coragem. Você de fato nos fez sofrer muito, mas passou e lhe perdoo.

Pedi perdão aos meus ex-sogros e escutei calado muitos conselhos e advertências. Perdoaram-me também. Com Sara foi mais difícil.

– Perdoo, Zezinho, porque agora sou religiosa! Mas não confio em você. Quero-o longe daqui!

Minhas filhas me perdoaram e agradeceram a pensão que lhes mandava. Estavam estudando graças a esse dinheiro.

Fiquei aliviado. Continuei com minha rotina. Como era atencioso com os enfermos, fui promovido a auxiliar de enfermagem depois de um curso que fiz. Dava banhos em doentes, ajudava-os a se alimentar, conversava com eles. Minha vida era do trabalho para meu pequeno lar e para o centro espírita. Às vezes, minhas filhas vinham me visitar. Raramente via meus irmãos. Não quis mais me envolver com ninguém, pois se tivesse uma recaída não queria que os entes queridos sofressem por mim.

Minha vida estava assim tranquila até que comecei a me sentir mal, fiz os exames e recebi o resultado: câncer.

O tratamento não foi fácil: melhorava e voltava ao trabalho, piorava e ficava internado. Sofri muitas dores físicas, mas estava tranquilo e resignado. Sabia que nessa existência abusara tanto do meu físico que o adoeci, e as dores estavam me equilibrando. O pessoal do centro espírita me visitava muito, trazia livros, apoio, consolo e carinho. Os companheiros do hospital também

Ah, se eu pudesse voltar no Tempo!

me confortavam. Recebi bons frutos por ter sido dedicado nos últimos anos.

Desencarnei. A equipe de socorristas desencarnados que trabalhava no hospital me desligou do corpo morto e, em espírito, me afastei. Meu enterro foi simples, não fiquei perto, pois fui levado para o posto de socorro do centro espírita que frequentava, mas senti os acontecimentos. Os companheiros de trabalho me arrumaram no caixão, alguns me velaram, os amigos do centro espírita fizeram orações. Meu irmão ficou bastante tempo no velório, minha irmã permaneceu poucos minutos, mas fizeram preces que me confortaram. Minhas filhas vieram e oraram. Depois do enterro, as duas foram ao meu apartamento, doaram tudo – móveis, roupas – e entregaram a chave ao proprietário. Acabou-se. Senti que não tinha mais vínculo com o plano físico e seria pouco lembrado.

A vida continuou, logo me senti recuperado e passei a trabalhar como enfermeiro no posto de socorro.

Foi uma surpresa agradável, uma alegria enorme quando recebi a visita de meus pais. Abraçamo-nos emocionados.

– Perdão! Perdoem-me! – roguei muitas vezes.

– Sim, meu filho, eu lhe perdoo! – exclamou mamãe me beijando.

– Perdoo, Zezinho! – respondeu meu pai.

Conversamos. Tanto mamãe como papai foram socorridos logo que desencarnaram. Mas meu pai, preocupado, saiu sem permissão do local em que estava abrigado e foi para perto de Jorge e de minha irmã. Sofreu com eles. Minha mãe foi buscá-lo meses depois e aí ficaram juntos.

– Meu filho, quando você se afastou das drogas e casou, ficamos sossegados – explicou mamãe.

– Quando se viciou de novo, preocupamo-nos e sofremos – disse papai.

– Somente nos tranquilizamos quando se recuperou de novo. Tínhamos muito receio de que você desencarnasse viciado – mamãe expressou suspirando.

– Íamos sempre visitá-los. Foi muito triste ver sua irmã sendo maltratada. Mas passou, hoje ela está bem. E você sofreu pela doença, mas agora está socorrido aqui na espiritualidade.

Essa visita me animou e passamos a nos ver sempre.

Dois anos depois que desencarnei, fui estudar numa colônia; quando terminei o curso, voltei para o centro espírita que frequentei quando encarnado e passei a ser um servo útil. Trabalho com dedicação e carinho.

Recuperar-me enquanto encarnado foi uma graça, porque é muito triste voltar à espiritualidade como dependente químico.

Fiz muito mal a mim mesmo me drogando, mas fiz muito mais aos que estavam junto a mim. E me droguei porque quis, embora não haja nenhum motivo que justifique essa atitude. Concluo agora que era insatisfeito, sentia-me vazio. Talvez se tivesse preenchido esse vazio com uma religião, sentiria Deus dentro de mim. Se estivesse me realizando fazendo o bem ao próximo, teria feito também a mim mesmo e com certeza não sentiria essa insatisfação. Compreendi isso quando, como enfermeiro e tendo uma religião, fiquei tranquilo, o vazio foi preenchido e não me senti mais insatisfeito. Como auxiliar de limpeza e como enfermeiro, tive muitas oportunidades de pegar medicamentos que podem viciar e não o fiz. Mesmo quando doente recebi medicações para amenizar dores e não me tornei dependente delas. Usei-as como remédio! O abuso é que é prejudicial. Creio que me libertei do vício!

Meus planos são ficar algum tempo na espiritualidade, aprender muito e, quando me sentir apto, pedir para trabalhar no umbral para socorrer dependentes químicos desencarnados que lá estão.

Ah, se eu pudesse voltar no Tempo!

Sinto muito remorso por ter feito os que me amavam sofrer. Espero que nunca mais, em reencarnação nenhuma, eu volte a me drogar. Agora amo a vida!

Explicação de Antônio Carlos

Zezinho, ou José Itamar, conta que quando começou a se drogar eram cinco e dois se afastaram. Talvez não tenha sido fácil para esses dois fazerem isso, pois com certeza gostavam dos amigos. Mas isso fez a diferença, eles escolheram o melhor para si e tiveram a coragem de dizer não às drogas. Prudentes, negaram-se a se envolver com algo que os prejudicaria. Se muitos jovens tivessem essa determinação, haveria com certeza menos sofrimentos.

Segundo explicações dadas pela medicina e pela genética, certas pessoas se viciam rapidamente e se tornam totalmente dependentes tanto de cigarro e de álcool como de tóxicos. O melhor é não se arriscar. Como vimos nesta narrativa, Zezinho se viciou fácil. Mesmo depois de anos de abstinência, bastou um cigarro da maconha para ele voltar a ser dependente. É por isso que tanto se insiste com quem se recupera para nunca mais se aproximar nem experimentar daquilo de que foi dependente.

Zezinho era trabalhador, isso o ajudou muito. O trabalho é um auxílio seguro numa recuperação. “Mente e corpo desocupados, o diabo faz morada”, dizia meu avô. Sábio ditado. Quando não se tem o que fazer, arruma-se confusão fácil.

Os pais se preocupam sempre com os filhos, e essa preocupação não cessa com a desencarnação. Às vezes, não podem estar perto e em muitas ocasiões é bom mesmo

que não estejam, pois os desencarnados somente podem ajudar se estiverem preparados e se lhes for permitido. Na espiritualidade, sabe-se quase sempre o que acontece com afetos encarnados. E, na maioria das vezes, não se podendo fazer nada, pois o livre-arbítrio é respeitado, sofre-se junto. Os pais do Zezinho viram os filhos sofrerem, a filha sendo maltratada e ele se drogando.

De fato, Zezinho desestruturou a família e esse fato é muito comum quando se tem um dos membros familiares se drogando. Ele reconheceu que os prejudicou, pediu perdão e teve a graça de ser perdoado.

Muitas vezes, achamos que sofremos, principalmente se de doenças, por erros de reencarnações passadas. Realmente isso acontece, mas com frequência é por abuso mesmo. Foi o que aconteceu com Zezinho.

Durante seus últimos anos no corpo físico, Zezinho fez amigos e agiu bem, merecendo ser socorrido.

Permita o leitor que cite meu exemplo.

Desencarnei doente pelo câncer. Socorrido, achei que padeci por erros de existências passadas. Mas acabei concluindo que por guardar uma grande mágoa, durante anos, esse sentimento ruim fez muito mal a mim. Estava sempre com uma energia negativa, que me prejudicou, atingindo meu organismo. Percebi também que, tendo conhecimentos, abusei do meu corpo carnal por excesso de alimentos e de trabalho.